

SIMÕES LOPES NETO E OS MODERNISTAS GAÚCHOS: EXPERIMENTAÇÃO E TRADIÇÃO

Jocelito Zalla*

Parece haver consenso na história da literatura do Rio Grande do Sul quanto à posição e ao relevo de Simões Lopes Neto: primeiro grande autor da produção local, o que o teria transformado em modelo seguido pelos contistas gaúchos. Mas a historiografia acadêmica, pelo menos, costuma lembrar da situação de escritor menor em que o pelotense se enquadrava até a década de 1940, quando seus dois livros de ficção chamaram a atenção da geração modernista, que já assumia os principais lugares de destaque no mercado de livros e nas instituições intelectuais do estado. Como “escritor municipal”, nas palavras de seu primeiro biógrafo, Carlos Reverbel, sua obra teve pequena circulação para além de Pelotas, na Primeira República, o que explica a pouca identidade formal com o chamado “bum” do conto regionalista na década de 1920. Talvez pareça surpreendente constatar que não há solução de continuidade entre Simões Lopes Neto e a prosa gauchesca no Rio Grande do Sul do pós-Segunda Guerra, principalmente se levarmos em conta o destaque que a tendência simoniana ganhou no cenário local e, em certa medida, nacional. Inclusive porque parcela significativa da historiografia literária profissional continua a reproduzir a narrativa modernista da proeminência de Simões, colocando o escritor no centro do cânone regionalista sul-riograndense. O que explica esse retorno, além de fatores sociohistóricos que exploraremos a seguir, é a relação de proximidade entre seus esquemas de composição e as convenções dos escritores ligados à vertente modernista na literatura gaúcha. Mas houve, de fato, apropriação da obra simoniana? Ou estaríamos diante, apenas, de uma tradição literária inventada *a posteriori* para legitimar o projeto de autoapresentação do grupo de intelectuais locais dominantes em meados do século passado? Se a literatura de Simões Lopes Neto realmente foi usada para produzir nova literatura, como isso se deu?

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: jocelito.zalla@ufrgs.br.

A primeira tentativa de resgate do autor ocorreu ainda na década de 1920. João Pinto da Silva é comumente apontado como o descobridor de Simões, ao incluir uma análise detalhada dos *Contos Gauchescos* (1912) e das *Lendas do Sul* (1913) em sua *História literária do Rio Grande do Sul* (1924), quase em pé de igualdade, em termos de avaliação crítica, com escritores consagrados, como Alcides Maya, membro da Academia Brasileira de Letras.¹ Em 1926, a Livraria do Globo, de Porto Alegre, que havia adquirido o direito dos títulos da Echenique, de Pelotas, editora de Simões, resolveu publicar a primeira edição conjunta de *Contos e Lendas*. A iniciativa foi celebrada, nas páginas de jornais locais, por nomes novos, como Darcy Azambuja e Augusto Meyer. No entanto, os principais críticos do período se mantiveram em silêncio, apesar de todo o debate que movimentava as letras locais.

Em 1925, por exemplo, Moysés Vellinho, com o pseudônimo de Paulo Arinos, atacou o “passadismo” na literatura de Maya.² O termo é revelador dos critérios que norteavam a crítica, antenados, por sua vez, às tentativas de renovação das letras empreendidas pela vanguarda paulista: condenação do elogio a uma história já vista como sem relevância para o presente; com a conseqüente valorização da modernidade. Mas a crítica não se restringia ao conteúdo, uma vez que a fórmula de escrita, altamente estetizada, apresentando construções difíceis e vocabulário elevado, também começava a soar estranha em literatura de imaginação. O historiador Rubens de Barcellos, admirador confesso de Maya, saiu em sua defesa. Durante várias semanas, as páginas do *Correio do Povo* alternaram textos dos contentores, colocando, no mínimo, sob suspeita a hegemonia do naturalismo acadêmico na prosa local. Vellinho reproduzia, na verdade, sua investida contra o escritor por ocasião do lançamento de *Alma Bárbara* (1922), seu último livro de contos. Em nenhum dos dois momentos, contudo, Simões pareceu um antídoto viável ao passedismo de Maya, muito menos a suas convenções estéticas. Na primeira crítica, aliás, tanto Simões como Roque Callage, considerados seus seguidores, eram colocados em nível inferior, apesar de sua maior naturalidade: “conservando parte da ganga bruta da mistura com o metal precioso, são mais da terra que o primeiro”.³

¹ SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

² ARINOS, Paulo (Moysés Vellinho). Guerra à saudade! In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979, p. 96-101 (*Correio do Povo*, 30/08/1925).

³ ARINOS, Paulo. *Alma Bárbara*. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 23/09/1923, p. 3.

Finda a Revolução de 1923, embalados pela articulação da união política da elite local, que contaria com a legitimidade da simbologia gauchesca no projeto varguista, os intelectuais rio-grandenses logo se empenharam na produção de novos textos sobre a temática regional. Em literatura, o regionalismo, como dito, teve seu momento de apogeu no estado. O conto, como apontado por Gilda Bittencourt, foi o epicentro do fenômeno.⁴ Mas a poesia logo seguiria a tendência. Assim, em 1925, temos o lançamento de pelo menos quatro livros importantes de narrativas curtas, entre contos com enredo complexo e cenas breves, sempre tratando do universo campeiro, todos editados pela Livraria do Globo: *No Galpão*, de Darcy Azambuja; *Pampa*, de João Maia; *Querência*, de Vieira Pires; e *No pago*, de Clemenciano Barnasque. Naquele ano também foi publicado o livro de estreia de Vargas Netto na poesia, *Tropilha Crioula*, inaugurando, assim, os versos no regionalismo literário do Rio Grande do Sul.⁵ De todos esses autores, apenas Azambuja rendeu tributo a Simões Lopes, dedicando seu livro de contos ao predecessor.

Com essa filiação declarada, seria de se esperar a adoção dos esquemas narrativos de Simões, como a criação de Blau Nunes, um personagem-narrador de origem popular, emulando o falar campeiro e fronteiriço na composição literária. A configuração é, todavia, distinta. *No Galpão* reproduz muitos elementos naturalistas, como as longas páginas de descrição, em registro elevado, que incorporavam, quando muito, alguns vocábulos regionais (o que explica o prêmio recebido da Academia Brasileira de Letras, em sua categoria). Também o foco narrativo, em boa parte dos contos, sugere um narrador culto, reflexivo, que perscruta as cenas locais com interesse científico, cedendo, vez por outra, a palavra a um gaúcho de antigamente, em situações de contação de “causo”, à beira do fogo de chão. Mas em alguns dos contos, Azambuja adota a solução posteriormente celebrada como a grande originalidade simoniana, a narração homodiegética com dicção popular.⁶ Excetuando-se a poesia de Vargas Netto, talvez o exemplo mais radical de renovação do regionalismo sob influxo modernista, o trabalho de linguagem, nas novas obras, permanecia próximo ao naturalismo de Alcides Maya. Alguns autores, como João Maia e Vieira Pires, seguiam a fórmula naturalista

⁴ BITTENCOURT, G. 1999. *O conto sul-riograndense: tradição e modernidade*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 256 p.

⁵ Vale lembrar que o poemeto campestre de Amaro Juvenal (Ramiro Barcellos) contra Borges de Medeiros, *Antonio Chimango* (1915), não era apreciado como literatura, apesar de sua grande circulação, inclusive oral.

⁶ AZAMBUJA, Darcy. *No galpão: contos gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1925.

mais de perto, recorrendo a artifícios retóricos para a descrição de cenas e episódios narrados, outros, como Clemenciano Bernasque, aproximavam a linguagem da norma culta falada, talvez seguindo uma sugestão de regionalistas “clássicos”, como Roque Callage e João Fontoura, ambos em atividade no período.

Apesar do esquecimento ou silêncio quanto a Simões, que incluía o primeiro grande crítico modernista do estado, Moysés Vellinho, sua lembrança por nomes como Darcy Azambuja e Augusto Meyer é significativa. Ambos costumam ser apontados como precursores do modernismo gaúcho, que conciliou a vertente nativista do movimento com a tradição regionalista local. Os escritores de sua geração identificados com a vertente se confundem com o chamado “Grupo da Globo”, composto por jovens intelectuais em ascensão, bastante próximos de políticos profissionais como Getúlio Vargas, que costumavam se reunir em frente à famosa livraria e casa editora. Meyer e Vellinho eram possivelmente dois de seus membros mais ativos, que também incluía Teodomiro Thostes, Athos Damasceno Ferreira, Vargas Netto e o próprio Getúlio, com a adesão tardia de Mário Quintana e do ainda mais jovem Erico Verissimo, além de Henrique Bertaso, filho do sócio majoritário da Globo, que assumiria a seção editora com a transferência de Mansueto Bernardi para o Rio de Janeiro, depois de vitoriosa a Revolução de 30.

O caso de Verissimo é bastante interessante para se pensar a configuração do modernismo gaúcho. Sua obra de estreia, *Fantoches*, que reunia contos já publicados nos jornais porto-alegrenses, se encontra na transição entre as primeiras obras literárias do grupo e os ramos desenvolvidos na década de 1930, principalmente pelo próprio autor e por Quintana: prosa de temática urbana e poesia intimista. Numa edição comemorativa, após 40 anos de seu lançamento, Verissimo comenta, através de anotações e desenhos, o fac-símile de *Fantoches*, denunciando sua imaturidade artística com certa condescendência e nostalgia do tempo vivido.⁷ Nessas observações, ele acaba prestando depoimento sobre as principais propostas estéticas de sua geração, que não chegou a organizar programas e manifestos como os contemporâneos paulistas. Dois procedimentos complementares, aparentemente compartilhados, predominam naquela fase: aproximação da literatura com o falar cotidiano e experimentação de linguagem, com a criação de neologismos ou exploração do léxico informal porto-alegrense.

⁷ Adoto aqui a última edição, que reproduz o fac-símile de 1972 com as notas do autor: VERISSIMO, Erico. *Fantoches e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Acredito que estas sejam as chaves da apreciação da obra de Simões Lopes Neto pelo grupo, apesar da matéria de origem rural.

No entanto, como dito, os desdobramentos do modernismo na década seguinte afastariam esses escritores do pelotense. Provavelmente instigada pelo grande crescimento e pela integração do mercado de livros nacional, a Globo daria preferência à edição de literatura traduzida e autores brasileiros consumidos em todo o país. Verissimo, que ocupava, então, a posição de conselheiro literário da empresa, ajudando Bertaso em seu processo de expansão e modernização, desenvolve uma prosa urbana de sabor “universal”, apesar da ambiência porto-alegrense, tornando-se o maior nome da casa. Outros autores, como Dyonélio Machado, seguiam a tendência, com menor ou maior dose de crítica social, também ao gosto da época. Esse elemento, aliás, presente no romance nordestino que tomava a capital brasileira, pautava a produção regionalista gaúcha. É o tempo de autores como Cyro Martins, Pedro Wayne e Ivan Pedro de Martins, que desconstruíam o mito do gaúcho heroico através da denúncia da pobreza no campo. Em termos de tradição literária, no entanto, havia nessa produção uma nota de nostalgia do tempo perdido, com elogio da obra de Alcides Maya, o que também parece ter afastado essa perspectiva do regionalismo simoniano.

Mas a década de 1940 mudaria as tendências literárias dominantes, buscando conciliar, mais uma vez, a temática local às possibilidades narrativas modernas, o que trouxe Simões Lopes Neto ao centro das atenções letradas. Entre os fatores estruturais que permitiram esse “retorno”, podemos citar um novo impulso de modernização do campo e o processo recente de industrialização no país, com o recrudescimento do êxodo rural. O final da Segunda Guerra Mundial representou o aumento das exportações de bens de consumo dos Estados Unidos aos países periféricos, acompanhado de políticas de promoção do chamado *american way of life*. Não é à toa que Barbosa Lessa, fundador do movimento tradicionalista gaúcho, declarou-se pertencente à “geração Coca-Cola”.⁸ Esse processo complementar de urbanização e importação de padrões de gosto levou a reações localistas, muitas vezes apoiadas por organizações internacionais, como o folclorismo incentivado pela UNESCO. No Rio Grande do Sul, além a construção do novo gauchismo cívico, com a ritualização do ideário sobre o passado

⁸ BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. Depoimento. In.: RIO GRANDE do Sul. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Estadual do Livro. *Barbosa Lessa*. Coleção Autores Gaúchos. Porto Alegre: IEL, CORAG, 2000, p 18.

rural do estado, e do movimento folclórico liderado por Dante de Laytano, tivemos a renovação do interesse letrado pelos assuntos do Sul.

Os intelectuais modernistas estavam na frente das discussões que levaram à reconfiguração do regionalismo no período, em busca de novos critérios de legitimidade atentos à profissionalização da função de escritor e à expansão do mercado de livros: tratava-se, principalmente, de afastar a literatura da política partidária, reivindicando autonomia relativa ao campo da produção cultural.⁹ Nesse sentido, os modernistas entraram em confrontos com os intelectuais católicos, ideológica e esteticamente mais conservadores, com quem costumavam disputar os melhores cargos públicos nas esferas estadual e federal. Os debates levaram à redefinição da tradição literária local, selecionando os precursores que mereceriam ser lembrados pela alta literatura do momento. Foi assim que Simões Lopes Neto passou a ser citado como pai fundador da ficção gaúcha. A revista *Província de São Pedro*, periódico de perfil erudito publicado pela Globo, sob a direção de Moysés Vellinho, foi um dos principais espaços dessa discussão. Seu primeiro número, por exemplo, é recheado de textos de e sobre o escritor pelotense, além de imagens feitas por capistas da casa, como Nelson Boeira Faedrich, a partir de motivos simonianos. Tamanho investimento também atendia aos esforços de publicidade da Globo, que pretendia aproveitar o novo clima de receptividade ao regionalismo, produzindo uma edição crítica de *Contos e Lendas*, cujos trabalhos de elaboração acabaram demorando quatro anos (1945-1949), envolvendo o poeta Augusto Meyer, o jornalista Carlos Reverbel e o professor e filólogo Aurélio Buarque de Holanda. O primeiro, que a essa altura já tinha posição de destaque no cenário nacional, dirigindo o Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, articulou a participação de Holanda, leitor apaixonado de Simões desde a década de 1930, além de oferecer um dos capítulos de seu último livro de ensaios, *Prosa dos Pagos* (1943), como prefácio à edição. O segundo, a pedido da Globo, investigou a vida do autor na cidade de Pelotas, produzindo um posfácio biográfico. Holanda ficou responsável pela elaboração de notas, de um vocabulário e de um extenso estudo introdutório ao estilo e à linguagem de Simões.

⁹ Ver CORADINI, Odaci Luiz. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003, p. 125-144.

A crítica já estava se ocupando de Simões, com novo olhar, desde, pelo menos o ensaio de Meyer. Mas outro esquecimento de Vellinho, em sua coletânea *Letras da Província* (1944), sugere que o resgate do autor foi inicialmente um projeto individual do primeiro, que ganhou corpo com a adesão de outros nomes da geração modernista, além de novos intelectuais próximos à vertente, como Reverbel. De qualquer forma, é a partir dessa frente dupla de investimento, crítica e editorial, que Simões Lopes Neto passou a ser apropriado também literariamente. Nas páginas da *Província*, por exemplo, Azambuja publicaria novo conto tematizando a lenda do negrinho do pastoreio, também transposta em versos por Athos Damasceno Ferreira, na mesma revista. Mas o uso em grande escala de Simões como fonte para a produção literária parece mesmo ter iniciado com Erico Verissimo, na obra que marcaria uma guinada do escritor a assuntos locais, ao tematizar o passado de formação do Rio Grande: *O continente*, primeiro tomo da trilogia *O tempo e o vento*. Aliás, outro projeto editorial ousado da Globo em direção ao novo interesse público por narrativas regionais.

Verissimo mobiliza no livro parte do lendário narrado por Simões. Na primeira novela que compõe o livro, *A fonte*, o autor intercala aos fatos conhecidos da história política do estado a construção do mito de Sepé Tiaraju, corregedor indígena da missão de São Miguel que se opôs à sua cessão para a coroa portuguesa, tendo morrido durante a Guerra Guaranítica. O texto faz referência explícita ao “Lunar de Sepé”, poema narrativo presente em *Lendas do Sul*, incorporando à biografia ficcional desse personagem histórico a marca de nascença em formato de crescente, tema da poesia recolhida por Simões; distintivo que sinalizaria, no imaginário popular, a predestinação ao fim heroico. Outro intertexto com Simões, com maior rendimento literário, diz respeito à lenda da teiniaguá, princesa moura transformada em lagartixa encantada, que guardaria um tesouro nas furnas do Cerro do Jarau, mas representaria a perdição a quem por ela fosse conquistado. Na obra do pelotense, seu famoso personagem Blau Nunes narra a história de um sacristão que se deixou seduzir pela beleza da feiticeira e sua promessa de riqueza e felicidade eterna, simbolizando a desconfiança misógina e xenofóbica do campeiro rio-grandense. Tal motivo é apropriado na construção da personagem Luzia, mulher bonita e má, vinda de fora do Rio Grande, que representava a riqueza financeira, pelo casamento, mas também a decadência moral do consorte

Bolívar Cambará. O título da novela, “A teiniaguá”, não deixa dúvidas quanto à inspiração.¹⁰

Esse tipo de uso temático será uma constante na história literária do Rio Grande do Sul, uma vez inventado o novo lugar de Simões na tradição local. Mas os usos propriamente formais ainda esperariam alguns anos, com a retomada do gênero conto, posto em segunda linha pela ascensão do romance, além de ter sido dominado, nas décadas de 1930 e 1940, pelo regionalismo “disfórico”, para usar um termo de Cyro Martins. Mas o novo clima junto ao público leitor fez com os editores apostassem novamente na narrativa curta. O sucesso de vendas da edição crítica de Simões representou um lastro editorial para novas empreitadas da Globo. Sua primeira coleção de livros regionalistas, a *Província*, inaugurada pelo pelotense, seria desenvolvida ao longo de toda a década de 1950, incentivando, também, nomes já conhecidos ou novos a retomar o gênero segundo o modelo simoniano.

Em 1956, veio a público o segundo e último livro de contos do Darcy Azambuja, *Nas coxilhas*, volume 9 da Coleção *Província*. Desta vez, totalmente depurado de elementos naturalistas, com uma dicção oralizada, a partir da sugestão narrativa do Blau Nunes dos *Contos gauchescos*. Assim, um personagem anônimo apresenta uma sequência de “casos” ocorridos na região da pampa, revelando um Rio Grande tradicional que subsistiria às margens da modernidade.¹¹ Mesmo no romance, a geração modernista acaba aproveitando elementos do pai fundador. Reynaldo Moura, por exemplo, adotaria o foco narrativo simoniano em *Romance no Rio Grande* (1958). Um personagem com vivência campeira conta em primeira pessoa sua trágica história de amor. A atualização da linguagem, em direção ao falar urbano, talvez um elemento que pretendia conciliar o precedente de Verissimo à perspectiva regionalista, encontra justificativa no enredo, dado o êxodo vivido pelo personagem, radicado na capital Porto Alegre.¹²

Mas o regionalismo gaúcho finalmente encontraria com o modernismo experimental na obra da nova geração. *O boi das aspas de ouro* (1958), de Barbosa Lessa, décimo quinto volume da Coleção *Província*, é com certeza a novidade melhor antenada a essa tendência, o que justifica nossa demora na análise do texto. Para

¹⁰ VERISSIMO, Erico. *O continente*, vol. 2. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹¹ AZAMBUJA, Darcy. *Nas coxilhas*. Porto Alegre: Globo, 1956.

¹² MOURA, Reynaldo. *Romance no Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1958.

começar, uma rápida comparação ajuda a situar a nova prosa de Lessa no contexto literário local, evidenciando seu compromisso, em literatura, com a criação, mais do que com o registro. Contemporâneo seu, Ivan Pedro de Martins denunciou o pauperismo do homem do campo no Rio Grande do Sul livros como *Fronteira Agreste* (1944) e *Caminhos do Sul* (1946). Lessa conhecia bastante o autor e, em 1950, chegou a publicar uma crítica (em parte negativa) à adaptação cinematográfica do último título. Em 1955, Martins publicou um livro de contos intitulado *Do Campo e da Cidade*. A seleção de histórias curtas escritas ao longo de 18 anos pretendia dar conta da pobreza rural e da urbana, de conflitos entre campo e cidade e entre peão e patrão, pobre e rico. No conto intitulado “Tapera”, por exemplo, a degeneração do ambiente se confunde com a pobreza dos personagens principais. A lida de tropeiro é o objeto do primeiro texto. A vida descrita é dura, destituída de qualquer encanto, em nada lembrando a figura celebrada pelo Barbosa Lessa tradicionalista. O personagem que cede o nome ao conto, Mané, de doze anos, é quem questiona a exploração, ainda que de forma indireta, na crítica da resignação de companheiro de tropeada aos desmandos do patrão: “Inhô na cidade é outro homem. Patrão tá longe, ele conta vantaje. Home devia sê home em toda parte. Si Inhô quisesse derrubava o patrão de um soco só... e fica quieto quando o veio passa pito”.¹³ Nos contos dos dois escritores, as divergências são, portanto, de perspectiva, mas também formais. A citação acima mostra que o trabalho de linguagem em Martins feria um princípio modernista defendido por Aurélio Buarque de Holanda na introdução à edição crítica de Simões: a fusão entre a norma popular e a criação literária. O escritor pelotense, como fonte para a criação, oferecia um antídoto ao problema; tomado em grande dosagem por Barbosa Lessa em sua estreia como ficcionista.

O foco narrativo de *O boi das aspas de ouro*, assim, apresenta um olhar “desde dentro” da cultura gauchesca. Na maior parte dos contos, temos um narrador popular, peão de estância, assim como o Blau Nunes de Simões Lopes Neto. Chama a atenção, no entanto, uma estratégia de identificação entre autor e narrador, através de texto introdutório, bastante distinta das páginas iniciais dos *Contos Gauchescos*, em que o escritor culto apresentava e cedia a palavra ao gaúcho de outrora. A experiência

¹³ MARTINS, Ivan Pedro de. *Do campo e da cidade*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 17.

continua sendo a baliza da narração, mas Barbosa Lessa parece assumir a responsabilidade do texto, mesmo que anuncie uma intimidade superficial com o universo do campo, ao lembrar sua estância de brinquedo, feita de osso de gado e barbante, durante a infância. Mas a emulação da lida campeira pelo menino denota conhecimento de causa: “Lida braba era nos dias de marcação. O suador era grande, pois laço e marca não davam folga ao campeiro. Mas a priminha sempre amiga vinha me ajudar, servindo mate para mim – que a sede era bruta! O serviço deixava um quera aplastado! – e preparando puchero – puchero faz-de-conta, é verdade, mas gostoso como nunca vi”.¹⁴

Se a função dessa apresentação é reforçar a dualidade da imagem pública que Lessa construía para si, letrado urbano/gaúcho do campo, sua composição só faz sentido se tivermos em mente o acúmulo de capital simbólico de que gozava a essa altura. Um literato que, dada sua atuação no movimento tradicionalista gaúcho, já nascia como autoridade sobre a matéria representada. Na fatura do texto, todavia, o efeito é o mesmo da estratégia simoniana. Como na oralidade popular, temos um narrador em constante interlocução com sua “audiência”: “Amigo: eu lhe conto agora um causo que meus avós já contavam...”.¹⁵ O que condiciona o trabalho de linguagem, na incorporação de vocabulário regional/campeiro à tessitura do texto literário, mas também da lógica visual da narrativa popular. Um pequeno trecho da fala do personagem Belarmino expemplifica a perspectiva:

Bota sentido no ninho do quero-quero. Ninguém melhor que esse bicho para anunciar bom ou mau tempo. Ninho feito no alto, longe do banhado, é aguaceiro se espalhando no baixio. Ninho na beira d’água – seca das grandes, pois quero-quero não arrisca filhote na enchente. E te digo, Nadico: este ninho está avisando seca de torrar jundiá!¹⁶

Apparicio Silva Rillo, outro expoente da nova geração regionalista, que desenvolveu sua poesia em direção ao preceito modernista da experimentação formal, testemunha que a importância de Simões Lopes Neto no novo cânone local excedia, inclusive, o gênero conto. No poema “Boi barroso”, do livro *Cantigas do tempo velho* (1959), outro sucesso de vendas da Globo, o poeta retomou um tema do populário brasileiro para descrever a alma gaúcha “que briga, sem ser maleva/prá honrar o nome

¹⁴ BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *O boi das aspas de ouro*. Porto Alegre: Globo, 1958, p. 12.

¹⁵ *Ibidem*, p. 25.

¹⁶ *Ibidem*, p. 93.

que leva”. Animal indomável, nem o protagonista simoniano conseguira tomá-lo por seu: “Pois o Blau, que era o mais taura/gaúcho destas campanhas,/enredou-se em tuas manhas,/no teu rastro se perdeu./Não pode trazer-te o couro,/só trouxe um dobrão de ouro/que a Mãe do Cerro lhe deu”.¹⁷

Considerações finais

Ao se distanciarem do naturalismo acadêmico dominante no início do século 20, pela via do folclore, os contos e as lendas de Simões ofereceram elementos estéticos de interesse para a elite letrada local das décadas seguintes, que se constituía a partir do binômio vanguarda/tradição. No plano dos usos formais, o desejo de democratização da linguagem literária e a ambição experimental da geração modernista, pelo menos no que toca ao léxico e ao foco narrativo levaram à busca de esquemas de composição na prosa simoniana, como a aproximação do discurso literário com a oralidade. No plano dos usos temáticos, alguns de seus personagens – como o negrinho do pastoreio e a teiniaguá – foram retomados em novas narrativas ou inspiraram novas figurações; o que estabelecia, no intertexto, uma tradição literária para o Rio Grande coerente com os critérios modernistas de produção e crítica de literatura vigentes no centro do país depois de 1922. No entanto, como vimos, esse movimento só ocorreu com a renovação do interesse do público leitor pelos assuntos regionais e com a consolidação do projeto de resgate crítico e editorial do escritor pelotense, num amplo trabalho discursivo de memória que envolveu vários intelectuais, como Meyer, Reverbel e Holanda. A temporalidade das apropriações literárias da obra de Simões, portanto, é marcada por essas condições, o que explica seu desenvolvimento na prosa tardia da geração modernista gaúcha ou na primeira produção do regionalismo pós-Segunda Guerra, tendo em Barbosa Lessa seu melhor exemplo.

Referências

ARINOS, Paulo. Alma Bárbara. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 23/09/1923, p. 3.

¹⁷ SILVA RILLO, Aparicio. *Cantigas de tempo velho*. Porto Alegre: Globo, 1959, p. 9.

- ARINOS, Paulo (Moysés Vellinho). Guerra à saudade! In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979, p. 96-101.
- AZAMBUJA, Darcy. *Nas coxilhas*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- AZAMBUJA, Darcy. *No galpão: contos gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1925.
- BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. Depoimento. In.: RIO GRANDE do Sul. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Estadual do Livro. *Barbosa Lessa*. Coleção Autores Gaúchos. Porto Alegre: IEL, CORAG, 2000.
- BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *O boi das aspas de ouro*. Porto Alegre: Globo, 1958.
- BITTENCOURT, Gilda Neves. 1999. *O conto sul-riograndense: tradição e modernidade*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 256 p.
- CORADINI, Odaci Luiz. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003, p. 125-144.
- MARTINS, Ivan Pedro de. *Do campo e da cidade*. Porto Alegre: Movimento, 2000.
- MOURA, Reynaldo. *Romance no Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1958.
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.
- SILVA RILLO, Apparicio. *Cantigas de tempo velho*. Porto Alegre: Globo, 1959.
- VERISSIMO, Erico. *Fantoches e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- VERISSIMO, Erico. *O continente*, vol. 2. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.